

O INCONSCIENTE CONCEBIDO POR FREUD E JUNG

Gabriela Sollar Pereira¹, Isabela Monteiro Tosatti², Priscila Sasse Gonçalves², Luciene Bitencourt², Andreza Carolina Ferreira²,
Andréa Olímpio de Oliveira³

Resumo: Freud e Jung concordavam em muitos assuntos importantes em seus estudos, porém tiveram suas concepções divergentes em função à conceitualização de inconsciente, o que foi um dos motivos para a separação entre eles, em visão de teorias. Com o intuito de um melhor entendimento sobre o ponto de vista de Freud e Jung em relação ao inconsciente, que foi realizado este trabalho. Um total de 6 artigos foram analisados, separados em três principais categorias: O histórico da descoberta do inconsciente, o inconsciente para Freud e o inconsciente para Jung. Após a apresentação e discussão dos textos nessas categorias, empreendeu-se a realização da integração do conhecimento, com vistas a apontar as convergências e divergências entre esses autores. A partir da análise dos artigos, considerou-se que tanto o conceito de Freud assim como o de Jung, no que diz respeito ao inconsciente, é de incomensurável importância, cada um em sua maneira singular de elucidar o que é proposto.

Palavras-chave: Analítica, conceitualização, histórico.

Introdução

Como é possível perceber, Freud e Jung, vivenciavam conflitos mediante ideias divergentes sobre assuntos importantes em seus estudos, porém, ambos se tornaram grandes nomes para

¹ Graduandas em Psicologia – FAVIÇOSA/UNIVIÇOSA. E-mail: gabrielasp3595@gmail.com

³ Professora do Curso de Psicologia – FAVIÇOSA/UNIVIÇOSA. E-mail: andrea.olimpiodeoliveira@gmail.com

a psicologia. Em seus estudos sobre o inconsciente, Freud e Jung mantinham uma linha de pesquisa bem diferentes. Freud caminha com sua linha voltada para pulsões, sendo elas, controladas pelo id, ego e superego.

Freud (1996) considerava o inconsciente apenas como algo pessoal, dizendo que cada indivíduo possuía seu afeto reprimido, sendo esse afeto, algo relacionado à infância do sujeito que poderia vir a abalar em algum momento à consciência.

Jung (2009) falava do inconsciente coletivo e inconsciente pessoal, tendo suas bases em produções culturais e na coletividade humana.

O inconsciente pessoal é o dispositivo único em cada pessoa, estando armazenada ali, toda experiência vivenciada por cada um. Essa experiência poderia ser ignorada, esquecida e até mesmo reprimida pela pessoa. Essa carga nos acompanha desde nossa infância. O inconsciente coletivo é considerado mais profundo, para Jung, essa carga vem de outras referências, e não mais, de experiências esquecidas. Esse inconsciente herdamos de ancestrais, são passíveis de transformações, embora não perca sua essência e sua raiz, ela irá acompanhar o crescimento do sujeito e da sociedade, sendo modificadas pela tecnologia e inovação (JUNG, 1998).

Com a realização deste trabalho, espera-se uma melhor compreensão em função do tema, através do acesso ao histórico da descoberta do inconsciente, juntamente a informações sobre o inconsciente visando o ponto de vista de Freud e Jung, correlacionando os pontos em comum e aqueles que se diferem entre eles sobre o conceito do mesmo.

Material e Métodos

Este trabalho constituiu-se de uma pesquisa bibliográfica, que tem por finalidade explicar um problema a partir de artigos e/ou referências teóricas publicadas em documentos, e foi utilizada a abordagem qualitativa, que se define a uma série de leituras sobre o tema a ser pesquisado, relatando o que os diversos autores ou especialistas escreveram sobre determinado assunto e, a partir daí,

se estabelece um conjunto de analogias para ser finalizado com o ponto de vista conclusivo. O levantamento bibliográfico foi realizado através das bibliotecas virtuais.

Resultados e Discussão

Segundo Henri Ellenberger (ROUDINESCO, 2005), existia uma discrepância entre a história da teorização da noção de inconsciente e a da sua utilização terapêutica. A conceitualização de inconsciente teria começado com as instituições de filósofos da Antiguidade e continuado com as dos grandes místicos. Já no século XIX, a noção de inconsciente foi precisada por Arthur Schopenhauer, Friedrich Nietzsche e pelos trabalhos da psicologia experimental: Johan Friedrich Herbart, Hermann Helmholtz, Gustav Fechner. Quanto à segunda história, Henri relata que seria a do tempo da arte dos bruxos e dos xamãs, introduzindo em sequência pela da confissão cristã. Duas técnicas eram aplicadas; uma resumia-se em provocar no doente a ocorrência de forças inconscientes, sob forma de “crises”: possessões ou sonhos. Já a segunda técnica, dava origem ao mesmo processo, mas na figura do médico. Do tratamento centrado na doença surgia a neurose de transferência no sentido freudiano, do centrado no médico derivava a análise didática. Com efeito, esta última transmitida da “doença iniciática” que conferia ao xamã seu poder de cura seguida da “neurose criativa” tal qual a que os pioneiros da descoberta do inconsciente tinham vivido no final do século XIX: Pierre Janet, Sigmund Freud, Carl Gustav Jung, Alfred Adler.

Nesse sentido, a primeira importante tentativa de complementar a pesquisa do inconsciente à sua utilização terapêutica começava com as experiências de Franz Anton Mesmer, iniciador da primeira psiquiatria dinâmica, terminava com Jean Martin Charcot, e dessa forma surgia a segunda psiquiatria dinâmica dividida em quatro grandes correntes: “a análise psicológica de Pierre Janet, centrada na exploração do subconsciente; a psicanálise de Freud fundada na teoria do inconsciente; a psicologia individual de Adler; a psicologia analítica de Jung”. Ellenberger designava que a oposição

dessa segunda psiquiatria dinâmica, da qual ele concluía a história em 1940, era que ela, ao se desmembrar em escolas opostas, “rompia o pacto fundador que a ligava ao ideal de uma ciência universal nascida do Iluminismo para retornar ao antigo modelo de seitas greco-romanas” (ROUDINESCO, 2005).

Baratto (2009), afirma que Freud, ao relatar que o inconsciente pensa, o mesmo retira a consciência de seu lugar de centro, alterando assim o privilégio concedido aos pensamentos conscientes. E que a essência de sua descoberta vem demonstrar que os processos de pensamentos inconscientes se produzem na linha da consciência e dela não dependem. O mesmo autor relata que Freud coloca em cena a concepção de um sujeito dividido, não centrado em torno da consciência. O que ele descobre é a ausência de um eixo à volta do qual os processos psíquicos se ordenam. O sujeito é descentrado, isto é, carecido de um centro ordenador. As elaborações efetuadas na primeira tópica colocam em cena a idéia de um sujeito caracterizado pela ruptura, pelo estiramento. A formulação do aparelho psíquico composto por três sistemas – o consciente, o pré-consciente e o inconsciente – o que remete precisamente à noção de divisão e descentramento do sujeito.

Freud conceitua o inconsciente e generaliza uma hipótese de desenvolvimento psicosexual a partir do que ele entende sobre os movimentos da libido (energia) sexual, confundindo prazer com sexualidade. Relata que nem todo prazer pode ser chamado de sexual, pois é como se a personalidade se fechasse no momento do desenvolvimento da sexualidade na puberdade, tornando-se depois uma eterna repetição dos “primeiros passos”. Faz-se ainda uma observação de que não poderia afirmar que tal idéia é uma mentira, já que faz sentido para muitas pessoas acreditar que é permitido obter prazer no sexo. Ressalta ainda, que o tema (para esse grupo de pessoas) se tornou tão importante mostrando que estes, inconscientemente vivem uma sexualidade biológico-cristã-ortodoxa, onde não é permitido buscar o prazer pelo prazer, e sim para dar prosseguimento a espécie. Fica explícito que tal comportamento encontrou sua compensação na idéia de que prazer se identifica com sexo (em Psicanálise), com isso o sexo se torna

tudo e nada (O Inconsciente Junguiano, 2014).

Em contraponto as idéias de Freud, encontramos Jung divulgando seu conceito sobre o inconsciente em sua obra *A dinâmica do inconsciente* (1998), onde expõe seu diálogo com uma plateia de médicos, psicanalistas e eruditos o que entende como sendo o inconsciente, foi a partir de uma pergunta do Dr. Eric B. Strauss, ao Jung lhe responde: “Todos os elementos do inconsciente pessoal são relativamente inconscientes, mesmo o complexo de castração e o complexo de incesto. Eles são perfeitamente conhecidos em certos aspectos, embora não o sejam em outros”. Jung questiona “Como se pode determinar se uma coisa é consciente ou inconsciente? O único remédio é perguntá-lo a algumas pessoas; não existe outro critério.” Percebe-se uma psicologia empírica, já que não pode afirmar nada a respeito do inconsciente ou personalidade do outro sem antes experimentar a relação com este. Neste sentido a Psicologia Analítica não afirma a existência de apenas um complexo (o de Édipo, por exemplo) donde deduz como sendo o princípio e o fim da vida psíquica, mas entende que assim como o mito de Édipo diz da vida de muitas pessoas, também muitas outras histórias mitológicas estruturam e dão vida as experiências diversas do continente humano.

Para Jung, o sujeito possui dois inconscientes: o pessoal e o inconsciente coletivo. O primeiro nível contém todos aqueles dados que a pessoa por esquecimento, diferenciação psicológica ou recalque não entra mais em contato, porém são dados passíveis de recordação e podem ser acessados na medida em que tiverem energia suficiente para atingir o limiar da consciência, também é chamado de subconsciente, porque se move juntamente com a consciência. É também o detentor de experiências que não queremos entrar em contato (sombra), nesta esfera tudo é pessoal a assim se mostra. Já o inconsciente coletivo se mostra como algo impessoal não possuindo referências mnemônicas (referente à memória). “Sua particularidade mais inerente é o caráter mítico. É como se pertencesse a humanidade em geral, e não a uma determinada psique individual.” (JUNG, 2009). Nessa dimensão da vida psicológica podemos fazer analogias a histórias mitológicas para

compreendermos (amplificar) onde a imagem onírica quer nos levar. Em que medida determinada história mítica diz da personalidade de determinada pessoa. Para a Psicanálise todas as personalidades “vivenciam” um mesmo e único mito que serve para ilustrar o desenvolvimento psicosexual (criado por Freud), em Jung os mitos são, em si, a própria manifestação da experiência humana geral que as pessoas vivem e viveram. Eles não ilustram as teorias, mas são um reflexo da própria experiência.

Conclusões

Podemos concluir, portanto, que a teoria freudiana do inconsciente foi construída em longo prazo e com imenso esforço, algo provocador de uma grande revolução. Com a descoberta do inconsciente, o cenário e os olhares então se alteram, é colocado em vista um sujeito que tem como composição psíquica o consciente e o inconsciente, o que faz com que as questões relativas à consciência saiam então da ideia centralizada que se tinha.

Entretanto Jung tinha como base o inconsciente coletivo e o inconsciente pessoal, tendo suas bases em produções culturais e na coletividade humana. Via o sujeito como algo infundável em sua subjetividade e que possuía várias camadas. A mais aparente representa o inconsciente pessoal que é algo impar de cada um, suas vivências, memórias, afetos. Já o inconsciente coletivo é algo que está em uma camada mais profunda, que é inato é congênito do sujeito. É essência comum entre nós.

Assim visto, tanto o conceito de Freud assim como o de Jung, no que diz respeito ao inconsciente, é de incomensurável importância, cada um em sua maneira singular de elucidar o que é proposto.

Referências Bibliográficas

BARATTO, G. A descoberta do inconsciente eo percurso histórico de sua elaboração. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 29, 2009.

FREUD, S. Edição Standard Brasileira das obras Psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol.1. Editora Imago. Rio de Janeiro,1996.

JUNG, C. G. A dinâmica do inconsciente. 3ª ed. Ed. Vozes. Petrópolis,1998.

JUNG, C. G. Tipos psicológicos. Petrópolis: Vozes, 2009.

O Inconsciente Junguiano. Psicologia Complexa: Um blog de Psicologia Junguiana com textos e reflexões sobre a realidade psíquica. Disponível em: <<http://psi-imaginacao.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 8 de março de 2018.

ROUDINESCO, E. Henri Ellenberger e a descoberta do inconsciente. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 8, 2005.